

COMO JIM COMEÇOU A ESQUECER

Tradução de:
Eliza Cristina Froma¹
Rodrigo Vasconcelos Machado²

A ele – ninguém sabia se era realmente o seu nome - o chamavam de *Mr. Jim*. Muito menos se sabia de onde era e quando chegou, nem em que parte do horizonte gravou aquele gesto de ansiedade que sempre lhe acompanhava. Dos que ficaram para trás, aqueles que lhe pertenciam, gratos ou entristecidos, nunca foram mencionados. Era um homem fechado. Como um círculo rodeado de palavras estranhas que ninguém entendia. Veio para Colômbia talvez porque tinha alguma coisa para esquecer ou pela urgência de ver outras para lembrá-la. Ao chegar deitou seu longo corpo contra a nova terra e se sentiu desde então colado a ela, conectado ao sol, ao vento, chuvas e noites repletas de aguardente.

Nos crepúsculos, ficava vendo o mar com um olhar cansado e nostálgico, e soprava suas lembranças na direção do vento que levava a fumaça de seu cachimbo.

Depois, quando as *girls* de longas coxas, de olhar lânguido como os dias nos quais não acontecem nada, iam sumindo da memória. Ele direcionava seus passos até o lugar onde a “mulatada” se desenfreava ao som de um ritmo com reminiscências de uma reunião de bruxas. Sentava-se ali, em qualquer parte, com a mão no queixo, diante de uma taça sempre cheia.

Deixava vagar seu olhar sobre a festa das negras e lhe retornavam as lembranças das mulheres com os olhos da cor do céu sem nuvens, tão iguais aos dele que já secavam com a chama do lugar, a mesma chama que lhe ardia a pele assim como a aguardente que queimava nas suas veias. Não podia esquecer. Era incapaz de enganar sua memória. Essas mulheres escuras como a sua vida, carnes

¹ Tradução de *De cómo Jim empezó a olvidar* de Carlos Arturo Truque. In.: _____. *Vivan los compañeros*. Cuentos Completos. Bogotá: Ministerio de Cultura, 2010. p.185

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto IV da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

firmes, seios pontudos, não lhe despertavam a ânsia que havia adormecido, pensando na última trança loura que detera em suas mãos.

Secava-se por dentro, lá no fundo onde não era capaz de ver. Sentia-se como um poço profundo que vai secando pouco a pouco. Ele sabia e bem quisera dizê-lo, se alguém o tivesse perguntado, porém as pessoas eram diferentes, duras como a terra que as acolhiam. Ele tinha aprendido a cerrar fortemente seus lábios.

Foi em uma noite. Como em tantas outras, não esperava ninguém. Ela chegou, sorriso perfeito, peitos ariscos, carne que vibrava como os tambores e se sentou junto dele sem dizer uma palavra. *Jim* abaixou a cabeça e sem querer viu a pele acobreada e brilhante, carne polida pelo mesmo sol que amaldiçoava, e de repente, como se estivesse despertando para a vida, viu como a trança loura ia mudando de cor, como se tivesse anoitecido sobre ela.

Olhou a mulher fixamente, e sorriu, pensando: “Finalmente *Jim*... Já começou a esquecer...”